

## CONCEPÇÃO DA IMAGEM DO “BELLO SEXO” NO PERIÓDICO *O JARDIM DAS MARANHENSES*

Natália Lopes de Souza<sup>1</sup>

“Sob qualquer ponto de vista que se pretenda estudar, os jornais são os melhores testemunhos da história de uma época” (SERRA, 1883, p. 15). Pensando acerca disso, os periódicos são fontes interessantes para se debruçar ao passado, nos permitindo problematizar a formação de opinião pública e a circulação de ideias que envolvem a imprensa brasileira, além de nos auxiliar a entender os atores sociais e como eram as relações de poder em uma dada sociedade.

Percebemos também, que a visão a partir da perspectiva de gênero vem ganhando cada vez mais espaço, incluindo os estudos sobre imprensa, principalmente com a noção de que estes espaços são marcados por disputas e relações de poder e de discurso. Segundo Pinsky (2009), uma das preocupações da História na perspectiva de gênero é entender a importância, os significados e a atuação das relações e representações de gênero no passado, suas mudanças e permanências dentro dos processos históricos e suas influências nesses mesmos processos. Deste modo, ao analisar os periódicos como objeto histórico podemos trazer esse olhar marcado pelas noções de gênero que buscam as permanências e as relações dentro de um processo histórico bem como as construções de gênero no passado.

Vemos crescer uma gama de pesquisas acadêmicas e multiplicidade de objetos históricos preocupados com as noções de gênero e as relações possíveis a partir dele. Houve também, uma profusão de trabalhos que buscam analisar e discorrer sobre periódicos escritos e dirigidos por mulheres, bem como aqueles escritos por homens e que eram destinadas as mulheres. Portanto, essas fontes nos permitem problematizar e buscar entender o ser mulher construído socialmente, é neste ponto que o presente trabalho se dá, pois, o objeto de pesquisa é um periódico do século XIX que tinha como público alvo as mulheres.

Portanto, pretendemos através do viés da imprensa entender a concepção de “bello sexo”<sup>2</sup> contido no periódico *O Jardim das Maranhenses* (1861–1862). Este, adquiri para nós importância pois é declaradamente, em seu título, o primeiro periódico da província do Maranhão que é voltado para o público feminino. Por si só, podemos problematizar esse

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.

<sup>2</sup> O termo “bello sexo” era muito utilizado no contexto da imprensa periódica para se referir as mulheres, sejam elas leitoras, mães e esposas, além de moças educadas e recatadas, reclusas em sua maioria nos espaços privados.

jornal em seu tempo e seu pioneirismo, mesmo tendo parado de circular em pouco tempo. Cabe ressaltar que não há menção ao periódico por nós estudado na obra de Joaquim Serra<sup>3</sup> intitulada “Sessenta Anos de Jornalismo - A Imprensa no Maranhão” de 1883, no qual lista o nascimento de jornais no período de 1820 a 1880 e a atividade da imprensa maranhense. Várias hipóteses podem ser levantadas a respeito desse dado, podemos considerar um fator crucial o pouco tempo em que o periódico circulou ou ainda o fato de o mesmo ter como foco o público feminino. De qualquer forma sabemos que este não está presente no panorama proposto por Joaquim Serra.

Recentemente, saiu também uma edição do Romance *Úrsula* e do conto *A Escrava* de Maria Firmina dos Reis<sup>4</sup> com prefácio de Eduardo de Assis Duarte. Este, ao propor uma cronologia sobre Maria Firmina dos Reis traz a luz o jornal abordado aqui por nós e se refere a ele como “O Jardim dos Maranhenses” (DUARTE, 2017, p. 17). Podemos levantar como hipótese o erro de digitação, contudo esse simples erro pode relegar ao esquecimento essa fonte enquanto meio de comunicação voltado para o público feminino. Pensando sobre os espaços de legitimidade social que a imprensa ocupava em meados do século XIX, buscaremos analisar a concepção do “bello sexo” contido no periódico, bem como as formas de representação do feminino tentando perceber os diálogos possíveis dentro da folha noticiosa bem como analisar o conteúdo dos artigos publicados, desta forma perceberemos essa fonte como importante objeto de estudo para se entender a construção social da mulher na província do Maranhão.

Para realizarmos isso, abordaremos a imprensa periódica desde seu início para entendermos as mudanças ocasionadas pelo aparecimento da imprensa e o contexto ao qual *O Jardim das Maranhenses* estava inserido, bem como pensarmos a questão da mulher e seu lugar social a partir do jornal. Em seguida, discorreremos sobre o conteúdo do jornal buscando elucidar o entendimento do ser mulher no XIX e quais as formas utilizadas de

---

<sup>3</sup> Joaquim Maria Serra Sobrinho (1838-88) foi importante jornalista e político. Formou-se em humanidades, escritor, teatrólogo e poeta. Publicou em Jornais como *Publicador Maranhense*, fundou o *Semanário Maranhense*, dentre outras atividades. Isso sem esquecer sua incursão pela política, como secretário de governo da Paraíba (1864-7) e deputado geral por sua província natal (1878-81). Ver mais em: CAMILO, Vagner. Entre “o Romantismo tão gasto e o Realismo tão vasto: os *tableaux* de Joaquim Serra e o ecletismo. *Teresa revista de Literatura Brasileira*. São Paulo, p. 384-420, 2013.

<sup>4</sup> Maria Firmina dos Reis (1822–1917) foi uma poetisa e escritora maranhense. Ela publicou obras como o romance *Úrsula* (1859), o conto *Gupeva* (1861), este possuiu três edições publicadas em jornais, o conto *A Escrava* (1887) dentre outras variadas poesias, charadas e músicas como o *Hino a libertação dos escravos*. Obteve notoriedade em seu tempo participando como colaboradora de jornais e de antologias como o *Parnaso Maranhense* (1861). Ver mais em: MORAIS FILHO, José Nascimento. Maria Firmina dos reis: fragmentos de uma vida. São Luís: governo do Estado do Maranhão, 1975.

reafirmação do papel social da mesma no período. Além disso, buscaremos entender essa fonte enquanto folha literária e veiculadora de comportamentos sociais aceitos socialmente.

### **Imprensa maranhense: um caminho através das Letras**

“As transformações vivenciadas pela cidade de São Luís nos primeiros anos dos oitocentos também podem ser visualizadas a partir do aumento de livros, jornais e folhetos em circulação” (GALVES, 2010, p. 58). Deste modo, a década de 1820 é de extrema importância em relação as transformações na província do Maranhão, foi nesta década que surgiu em 1821 o primeiro periódico maranhense chamado *O Conciliador do Maranhão*<sup>5</sup>, além dele, nos anos que se seguiram houve uma profusão de aparecimento de jornais na província maranhense, essa intensa atividade perdurou por todo o século XIX. Cabe ressaltar que a movimentação da imprensa periódica no Brasil decorre a partir da vinda da Família Real em 1808, trazendo consigo a gênese da imprensa tipográfica para a Corte situada na cidade do Rio de Janeiro. Depois disso, não demorou a atividade periódica ganhar destaque nas demais províncias do império. Portanto, “a expansão da imprensa transformou o cotidiano da sociedade brasileira, ela gerou proliferação de novos espaços de sociabilidade como formação de opinião pública” (GOMES, 2009, p. 11).

Para Barbosa (2007), o jornal pode ser visto como um espaço de diálogo onde ecoam, ainda que de maneira incipiente, as vozes dos mais variados segmentos da sociedade. Segundo Patrícia Pina (2010), o jornal enquanto suporte de informação poderia suprir as necessidades intelectuais do leitor podendo ser lido em qualquer lugar. Deste modo, a expansão da imprensa pode ser problematizada enquanto espaço de relações de poder e de diálogo bem com ferramenta de legitimidade no que diz respeito a circulação de ideias e a formação de opinião pública.

Comungamos com Galves (2010) quando ele nos diz que a cidade de São Luís possuía uma circulação e produção de ideias que eram absorvidas por um público crescente, isso é confirmado pela profusão de folhas noticiosas que aparecem na primeira metade do XIX. Muitos desses periódicos tratavam das questões políticas que envolviam o contexto política da

---

<sup>5</sup> Primeiro periódico maranhense que circulou entre abril de 1821 e julho de 1823, era um jornal oficial e noticioso. Segundo Joaquim Serra, se ocupava de assuntos próprios, dava notícias resumidas do exterior, fazia algumas transcrições e trazia anúncios de caráter oficial. Ver mais em: SERRA, Joaquim. *Sessenta anos de jornalismo A Imprensa no Maranhão*. (1820-1880). Rio de Janeiro. 1883. P.13.

independência do Brasil, disseminando suas ideias a respeito disto, ou seja, deixavam suas impressões, assim sendo, a imprensa “marcava e era marcada por vozes, gestos e palavras”. (MOREL, 2008, p. 26), deste modo, “a imprensa periódica ao lado das sociedades literárias e científica, bibliotecas, teatros, entre outros, assumiu para si a função de educar seu público através da capacidade de erigir e disseminar ideias, conceitos e valores” (GOMES, 2009, p. 13). Pautado nisso, podemos dizer que a imprensa se tornou então um meio de legitimação da opinião pública além de disseminar comportamentos e costumes.

Surgiu neste contexto, um jornalismo literário crescente, sobre a importância deste, Martins nos fala que “um fator muito decisivo para a consolidação da atividade letrada no Maranhão foi o jornalismo literário e político que surgiu, sobretudo em São Luís, decorrente da intensa atividade tipográfica que ali se instalou em começos do século XIX” (2010, p. 108). Corroboramos com Martins pois notamos o aparecimento de uma gama de periódicos literários, destacamos o jornal *Recreio dos Maranhenses* (1839) enquanto folha literária, marcando um pioneirismo, pois até então os periódicos que possuíam artigos literários eram predominantemente políticos<sup>6</sup>.

Em seguida, surgiu na província maranhense do oitocentos o *Jornal de Instrução e Recreio* (1845-1846) publicado pela Associação Literária Maranhense com os seguintes dizeres: “Não foi certamente incessante desejo de vangloria, que nos obrigou a publicar um Jornal: o estado de inercia a que tem chegado a nossa Litteratura, o desanimo geral nas artes e sciencias, nos incitarão esta publicação” (15 de fevereiro de 1845, vol. 1). Podemos aferir que a necessidade de variedade nas folhas noticiosas bem como a intensa atividade tipográfica propiciou o aparecimento de formas literárias através da imprensa, ou seja, a circulação de literatura e ciências foi uma demanda importante pois esse período do Maranhão contava com uma efervescência cultural residindo aí importantes literatos, como Gonçalves Dias, Odorico Mendes e Maria Firmina dos Reis. Para além disso, essa citação nos permite vislumbrar uma intenção de disseminar ideias a respeito da literatura e outras ciências promovendo o aumento significativo da intelectualidade na província.

Outros jornais literários e de recreio apareceram em meados do XIX, como por exemplo *Revista Universal Maranhense* (1849 – 1850), *Estrella da Tarde* (1857), *A Marmotinha* (1852 – 1853) dentre outros. “No fim da década de cinquenta do oitocentos, a

---

<sup>6</sup> Todos os jornais analisados estão disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital. Havia uma predominância de jornais políticos, contudo, estes continham artigos literários como por exemplo o periódico *Minerva* (1828 – 1829) que se denominava folha política, literária e comercial, mas que não eram apenas jornais literários em sua essência, jornais literários surgiram apenas a partir de fins da década de 1830.

imprensa maranhense se caracterizava por ser diversificada, possuindo jornais que tratavam desde questões literárias até as políticas” (ARAÚJO, 2014, p. 361). Foi neste contexto de diversidades das folhas noticiosas que se deu o aparecimento do objeto a ser estudado neste artigo, o periódico intitulado *O Jardim das Maranhenses* (1861-1862).

### ***O Jardim das Maranhenses: “defensor do bello e amável sexo”***

“Em São Luís, durante o século XIX, não houve o aparecimento de um jornal dirigido e escrito por mulheres, embora muitos periódicos fossem destinados a esse público” (ABRANTES, 2013, p. 3), incluindo o periódico *O Jardim das Maranhenses*. Este, que circulou pelos anos de 1861 e 1862<sup>7</sup>, era semanário literário, moral, crítico e recreativo, foi vendido por mil réis por bimestre ou oito números<sup>8</sup>. Segundo Buitoni (1981), os primeiros jornais para mulheres preferiam o tema da literatura, correspondência de editores e leitoras, crônicas sociais e comentários sobre espetáculos.

Sobre isso, o jornal aqui estudado corrobora com Buitoni pois possuía quatro páginas cada número, em sua estrutura, os artigos eram apresentados como romances, geralmente nas primeiras páginas, depois vinha a crônica do editor seguido por poemas e charadas nas últimas folhas, a única coisa que diferia era que o jornal maranhense possuía uma sessão de correspondências assinado pelo leitor “cachorrinho das belas” e não possuía uma troca entre as leitoras. Contudo, essa estrutura permaneceu em todas as edições que temos contato nos fazendo pensar na possibilidade de existência de um modelo para os jornais direcionado as mulheres.

O jornal possuía determinadas características e estratégias para atrair esse público feminino denotando o respeito para com o “bello sexo”, como por exemplo esse trecho: “Curva-se ante o bello sexo e todo rendido beijar essas mãozinhas tão bellas” (*O JARDIM DAS MARANHENSES*, nº 23, 20 de setembro de 1861), além disso, sempre deixava claro sua

---

<sup>7</sup> Este circulou por pouco tempo, contudo, a existência efêmera de periódicos é uma característica da imprensa brasileira do século XIX, não sendo algo específico dos jornais destinados às mulheres. Ver mais em: RODRIGUES, Dayanny. ESCRITOS DE E PARA AS MULHERES NO SÉCULO XIX: O conceito de emancipação e a representação feminina no *Jornal das Senhoras*. *Revista Outras Fronteiras*. Cuiabá-MT, vol. 4, n. 1, 2017. p. 66.

<sup>8</sup> Temos disponibilizadas as imagens microfilmadas pela Biblioteca Pública Benedito Leite, não temos todas as edições do periódico, as que possuímos serão utilizadas no decorrer do artigo, são os números 18, 21 a 25, 27 à 29. No que se refere a primeira edição, não temos a fonte, mas podemos precisar que a circulação do jornal teve início em janeiro de 1861. Sabemos disso pois na edição de número 24 do dia 30 de setembro de 1861 encontramos uma passagem que afirma que o jornal conta com oito meses de existência.

posição enquanto protetor e defensor do “bello sexo”. Em todos os números, o editor do jornal procura agir com respeito ao seu público alvo, também nas análises que se seguiram do mesmo não vemos explicitado ou restringido a presença de mulheres enquanto colaboradoras e autoras de artigos literários, o que se lê é: “Aceita qualquer artigo concebido em termos decentes” (*O JARDIM DAS MARANHENSES*, nº 18, 6 de junho de 1861). Deste modo, todos estão sendo convidados a colaborar com o jornal contanto que esteja nas raias da decência. Acerca disso, percebemos que a única mulher declarada, sem a utilização de pseudônimos a escrever no jornal é a maranhense Maria Firmina dos Reis, a partir da edição de número 23.

“A dificuldade feminina em escrever e publicar nesse momento estava relacionada com o discurso sobre a ‘natureza feminina’ construída desde o século XVIII e que foi constante e persistentemente reforçado no século XIX” (GOMES, 2009, p. 35). Esse discurso encontra suas raízes no século XVIII, para Gaspari (2003), Rousseau detinha um discurso de que a educação feminina deveria ser restrita ao ambiente doméstico, pois, segundo Rousseau, elas não deveriam ir em busca do saber, considerado contrário à sua natureza. Portanto, essas noções a respeito da inferioridade feminina permearam o imaginário social brasileiro no século XIX, deste modo, elas não faziam parte dos ambientes letrados, sendo relegadas a elas o cuidado do lar.

Segundo Sohiet (1997) as mulheres não seriam capazes de invenção e, mesmo quando tinham acesso à literatura e a determinadas ciências, estariam excluídas da genialidade. A beleza atributo desse sexo era incompatível com as faculdades nobres. Sobre isso, no nº 23 encontramos uma publicação que se chama “Mandamentos das leis das moças” nele se lê:

1º Amar as modas sobre todas as couzas.

2º Não jurar se não em vão.

3º Guardar os domingos dias santos, o uteis, porque todos são dias de santo namoro.

4º Honrar pae e mai em quanto lisongoarem seos caprichos.

5º Matar um pobre diabo com despresos e desdéns, depois de o ter feito romper um par de solas, e entrete-lo com as mais doces esperanças.

6º Guardar as cartinhas que pode pilhar as amigas.

7º Furtar o tempo destinado as occupaões domesticas para emprega-lo em frivolidades, intriguinhas, murmúrios etc etc.

8º Levantar falsos testemunhos aos padecentes que pode vir mais tarde ao –rendez vous - é arguido de ter estado em tal parte, o passado por tal rua.

9º Desejar os namorados alheios, só pela triste vaidade de se ver rodeada de adoradores.

10º Cubiçar o vestido da visinha por ser o do último gosto.

Estes mandamentos se encerraõ em dous: convem a saber: - Coitados dos pais e pobres das mães" (*O JARDIM DAS MARANHENSES*, nº 23, 20 de setembro de 1861).

Segundo Duarte (2016), esse artigo tinha como intuito divertir as mulheres, além disso, alertava para os perigos que representariam aos pais caso essas leis fossem seguidas pelas moças. De qualquer modo, mesmo através da diversão podemos perceber a intenção do alerta em relação aos ideais de frivolidades atribuídos as mulheres, o que acaba por ser também uma construção do que é ser mulher e qual o papel social destinado a ela, visto que os periódicos eram formas de legitimação de costumes. Por isso, há uma grande importância de se entender esse pensamento de inferioridade feminina para podermos pensar a respeito da construção do que é ser mulher no período o que perpassa por uma variedade de discursos e práticas. Neste sentido, observamos que a mulher era associada aos aspectos negativos, como incapaz, um nível de inteligência e habilidades inferiores ao do homem, considerada abaixo do sexo masculino (VITORINO, 2013).

No Dicionário de Raphael Bluteau (1728), o termo mulher significa “criatura racional do sexo feminino. [...] escreve Salamão, que entre mil homens achara hum bom, entre todas as mulheres nenhuma boa” (BLUTEAU, 1728, p. 543). Já no dicionário de Luiz Maria da Silva Pinto de 1832 o termo mulher significa “Fêmea da espécie humana. Mulher do mundo Meretriz” (PINTO, 1832). Interessante destacar que no termo “Mulherengo”, do mesmo dicionário, significa delicado como as mulheres. A partir disso, podemos aferir que ser mulher no século XIX perpassava pelos ideais delicadeza e virtude, sendo as que destoavam disso consideradas meretrizes, elas, de uma forma geral deveriam se concentrar nas atividades dos lares, circulando predominantemente no ambiente privado.

Deste modo, as representações das mulheres nos objetos estudados estão de acordo com a denominação dada por Pinto em seu dicionário, isso nos mostra como o imaginário social do que é ser mulher estava pautado na delicadeza e na dualidade entre as boas moças e as meretrizes. Portanto, este imaginário permeia todas as publicações do *O Jardim das Maranhenses*. Entendemos aqui que

O imaginário compõe-se de representações sobre o mundo do vivido, do visível e do experimentado, mas também sobre os sonhos, desejos e medos de cada época, sobre o não tangível nem visível, mas que passa a existir e ter força de real para aqueles que o vivenciam (PESAVENTO, 2006, p. 50).

Assim sendo, partiremos da análise de uma concepção de mulher construída e partilhada socialmente, imbuída de significado em seu tempo e difundida na imprensa periódica, incluindo *O Jardim das Maranhenses*.

## Difundindo imagens e papéis sociais

A imprensa como um todo, funcionava como um meio de comunicação que segundo Abrantes (2010) exerceu um importante papel na difusão de imagens e ideias sobre a mulher, sua missão e papéis sociais. Acerca disso, podemos dizer também que *O Jardim das Maranhenses* contribuiu para uma difusão da imagem e da construção do ser mulher na sociedade maranhense oitocentista, pois neste período “a representação da mulher leitora no século XIX se baseia em uma pedagogia de leitura para o público feminino que submete a mulher ao crivo da moral religiosa” (ARAÚJO, 2008, p. 47). Deste modo, as publicações sempre se remetiam ao amor das mulheres e a valorização da virtude feminina, como perceberemos no poema abaixo:

A virtude, ó chara filha,  
Seja todo o teu primor;  
A sorte enganosa e varia,  
Sem ellas, não tem valor.  
Tudo se acaba: a riqueza,  
A formosura, o amor;  
Zomba da sorte a virtude,  
Da morte dissipa o horror.  
Brilha na vida a virtude  
Qual luzir ao brando albôr,  
Cultiva, filha mimosa,  
Tão viçosa e linda flor  
(A Laim – O JARDIM DAS MARANHENSES, nº 19, 30 de maio de 1861).

Ainda sobre a concepção de “bello sexo”, o jornal através de suas publicações determinava e legitimava um comportamento social para a mulher maranhense. Os romances-folhetins,<sup>9</sup> eram bem disseminados no jornal estudado, Segundo Santos (2009) geralmente esse formato de literatura tinha como público alvo, em sua maior parte as mulheres, tendo como temas abordados o casamento e o amor. Contudo, mesmo com a temática do amor estando intrínseca nos artigos, notamos a presença de temas que envolvem o comportamento que as moças deveriam ter e o cuidado com as amigas e principalmente com as mulheres que eram consideradas experientes. No romance intitulado *Amor desgraçado*, escrito por JR de 1861 lê-se:

---

<sup>9</sup> Os romances-folhetins consistiam em capítulos de obras literárias publicadas nas páginas dos periódicos. Ver mais em: VIEIRA, Martha Victor. História, literatura e circulação das ideias antiescravistas de Joaquim Manuel de Macedo. In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina; et al. *Cultura escrita e circulação de impressos no oitocentos*. 1ed. São Paulo, Alameda, 2016.

Mal sabe a donzela que no seio da mais carinhosa amiga encontra um – algoz – que por meio da lisonja, trabalha para conduzi-la ao suplício. E algumas delas, cujo coração morto pele dezengano, vivendo por reunir junto a si, uma falange de – adoradores -, não hesitam em conduzir como victimas incautos – de suas infernaes machinações; - a donzella que por um pouco afastada do carinho materno, vai no seio da amizade receber as primeiras impressões do mundo, sem ter quem lhe proteja a candidez contra os ardis da maldade e da experiência (O JARDIM DAS MARANHENSES, nº 22, 15 de agosto de 1861).

Podemos notar então, que essas características de experiência de algumas mulheres não eram bem vistas pelo jornal, ou seja, o comportamento da donzela deveria ser de atenção para não cair no suplício e não se deixar influenciar pelas amizades. Encontramos nas publicações menções ao amor da mulher e como deve ser este, permeado pela noção de recato. No poema *O Amor da Mulher* escrito por JR de 1861 lemos:

O amor da mulher é ardente  
Como a lava que saho do vulcão.  
E mimozo, tão meigo e ameno  
Como a flor pela aura embalada,  
E suave qual brisa fagueira  
Em serena e gentil madrugada.  
O amor da mulher é uma imagem  
Que ou sei cá no peito guardar,  
Appareção os profanos; que irei  
Pelo amor da mulher, batalhar  
(O JARDIM DAS MARANHENSES, nº 18, 29 de maio de 1861).

O poema descrito acima relata como é o amor da mulher, escrito por um homem, ou seja, o imaginário do que é ser mulher e do seu amor está sendo entendida pela lógica e olhar masculinos e está permeado de legitimidade oferecida pelo periódico, deste modo, ser mulher está intrinsicamente ligada a uma pedagogia do comportamento feminino pautado na visão masculina. Essa construção do feminino perpassa todas as edições do *O Jardim das Maranhenses*, percebemos a tônica pedagógica da concepção de mulher informando o comportamento aceito pela sociedade além de se colocar como protetor do ‘bello sexo’ pois informa quais comportamentos deve se ter cuidado e evitar. Tomamos como exemplo na edição de número 22 o romance *Maria*, em linhas gerais, a moça se deixa ser sequestrada pelo mancebo Maurício, mas ele não vai ao seu encontro, ao saber disso ela profere as seguintes palavras:

Eu, ingrata deixei a meos Pais,  
Porque amei um perjuro, um traidor,

A meos Paes, que ofendi... filha indigna! (O JARDIM DAS MARANHENSES, nº 22, 15 de agosto de 1861).

Após isso, Maria se joga no rio se matando. Podemos denotar então que a estratégia utilizada pelo periódico é de construir um comportamento feminino pautada nos bons costumes além de evidenciar que qualquer tipo de comportamento que não está dentro destes padrões não é considerado certo, alerta também as leitoras a respeito de se deixar levar e acabar perdendo o respeito da sociedade restando apenas o fim para a redenção. Deste modo, esse exemplo evidencia os comportamentos que não são aceitos e corrobora com a hipótese de que “escrita e saber estiveram ligados ao poder como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos esperados em determinada situação”. (TELLES, 2006. p. 401 e 402).

A partir da edição de nº23 do jornal, ocorre uma ruptura parcial na estrutura do mesmo, isso acontece a partir da entrada de Maria Firmina dos Reis como colaboradora do *O Jardim das Maranhenses*, uma mudança significativa na estratégia utilizada de representação feminina. Nele se lê:

Recommendamos aos nossos leitores a poesia que abaixo vem estampada da Exma Sra. D Maria Firmina dos Reis, distincta litteraria Maranhense. De coração agradecemos a S. Exc. pela honra que dá ao nosso Jornal, colaborando-o (O Jardim das Maranhenses. nº 23, 20 setembro de 1861).

Com a presença dela como colaboradora assídua, onde suas publicações evidenciam um olhar interior feminino, pois antes, se tinha homens escrevendo sobre as mulheres e agora percebemos Reis trazendo à tona os anseios femininos. Para além disso, seus poemas e charadas não fazem parte desta estratégia pedagógica do comportamento feminino, ela traz em suas produções temas que envolvem principalmente a natureza. É o que podemos perceber na sua poesia intitulada “Ao amanhecer e o pôr do sol”:

A hora do arvorecer,  
Quem não sente uma afeição?  
Quem não sente uma esperança,  
Nascer-lhe no coração?  
Foi n'ess'hora, sob a copa  
Da bela, e grata mangueira,  
Que inflorei a grata lira,  
A lira doce e fagueira.  
Era a canção, que eu tecia, fructo de eterna saudade;  
O só praser, que me resta,  
Nesta triste soledade”  
Maria Firmina dos Reis  
(O JARDIM DAS MARANHENSES, nº 23, 20 setembro de 1861).

Contudo, mesmo seu conto *Gupeva*<sup>10</sup> publicado a partir da edição de número 25, retratar o amor, este fala sobre a natureza e produz uma narrativa que envolve as questões indianistas. A publicação deste conto indianista denominado pelo jornal como “romance brasileiro” denota a importância dessa mulher para a folha, pois é o único romance escrito por uma mulher e publicado sem o uso de pseudônimo no *O Jardim das Maranhenses* até então.

Sua participação foi tão importante para o referido jornal que encontramos edições onde as duas primeiras folhas do semanário continham publicações apenas de Maria Firmina dos Reis. Isso nos permite entender que a presença dela foi importante tanto no que diz respeito ao fato dela ser a única mulher declarada a publicar no periódico e tanto quanto ela era bem recepcionada pela imprensa e pelo periódico visto que na citação acima vemos palavras como “honra”, ou seja, apesar da dificuldade de se estabelecer no meio da imprensa por parte das mulheres, Maria Firmina dos Reis adentra neste espaço e consegue notoriedade com as suas publicações.

Enquanto colaboradora trouxe uma mudança no que diz respeito ao conteúdo e as representações do feminino, além disso, a mudança se deu no lugar de fala também, pois agora temos uma mulher falando sobre sentimentos de suas semelhantes e não a visão masculina sobre as mulheres. Além disso, a importância desta acrescenta uma outra forma de organizar os artigos quebrando em partes a estrutura de evidenciar apenas temas relacionados ao amor e ao comportamento feminino, cabe ressaltar que estas estratégias pedagógicas e a concepção feminina no periódico não foi deixada de lado, mas a presença de Reis altera significativamente as estratégias e as ênfases dadas pelo jornal. Ao mesmo tempo que afirmava o lugar da mulher na sociedade maranhense enfatizando o caráter do que é ser o “bello sexo” o periódico dava voz a elas através da presença e das publicações de Maria Firmina dos Reis.

### **Considerações finais**

A guisa de conclusão, podemos destacar o pioneirismo do *O Jardim das Maranhenses* em se voltar exclusivamente para o público feminino. Além disso, podemos destacar que ele

---

<sup>10</sup> *Gupeva* é um conto escrito por Maria Firmina dos Reis publicado pela primeira vez no periódico *O Jardim das Maranhenses* intitulado “romance brasileiro”, é considerado um conto indianista por se tratar desta temática.

disseminou a partir de suas publicações ideias e comportamentos a ser seguido pelas leitoras, além do alertá-las para os perigos dos amores e amizades. Cabe ressaltar também que a concepção de mulher retratada no periódico é aquela que é boa esposa, boa mãe, boa filha, ou seja, os ideais de feminilidade e fragilidade são constantemente exaltados. Assim sendo, o periódico assume um caráter pedagógico ao legitimar costumes e evidenciar o papel social destinado a mulher na sociedade oitocentista.

Só há uma quebra neste padrão com a entrada de Maria Firmina dos Reis enquanto colaboradora, pois com ela há uma variedade de publicações que versam sobre a natureza. O que se tinha antes, eram publicações tanto no estilo de folhetins, quanto poesias com a temática do amor da mulher, ou seja, o lugar de fala estava baseado na visão masculina sobre a mulher e a partir de Reis esse lugar de fala muda de posição. Deste modo, entendemos o semanário como veiculador de um comportamento social aceito pela sociedade para as mulheres girando entorno das noções de “tipos ideais”, ou seja, boas esposas e mães.

Contudo, mesmo com o pouco tempo de circulação o periódico é enriquecedor para as perspectivas de gênero pois ele nos permite indagar o ser mulher socialmente construído e as tensões entorno dos espaços de legitimidade. Portanto, coube a nós entender esse ser mulher que aparecia no *O Jardim das Maranhenses* e a sua importância no contexto da imprensa maranhense além de traçar um caminho de pesquisa pautado nas pesquisas relacionadas a gênero tendo como objeto de pesquisa esse periódico. Notamos assim, que o espaço do periódico evidenciou sinais de contradição, pois enfatizou a concepção de mulher representada no periódico, seguindo os ideais de fragilidade e frivolidades disseminadas pelas ideias de inferioridade feminina, contudo abriu e espaço e valorizou as contribuições de Maria Firmina dos Reis dando mais espaço para suas publicações. Portanto, houve especificidades que tornam este objeto de estudo uma fonte importante para o estudo de gênero no Maranhão oitocentista.

## REFERÊNCIAS

- **Fontes:**

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**: áulico, anatômico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.

**O JARDIM DAS MARANHENSES** - edições de 1861 – 1862

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Província de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832.

SERRA, Joaquim. **Sessenta anos de jornalismo A Imprensa no Maranhão**. (1820-1880). Rio de Janeiro. 1883.

- **Bibliografia:**

ABRANTES, Elisabeth Sousa. Conselho para as moças – a educação feminina nos periódicos do século XIX. **III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista** Impressos no Brasil do século XIX. UEMA, São Luís. 2013.

\_\_\_\_\_. **“O dote é a moça educada”**: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. Tese de Doutorado em História. UFF. Niterói, Rio de Janeiro. 2010.

ARAÚJO, Johny Santana de. A Imprensa no Maranhão na segunda metade do século XIX: Estado Imperial, jornais e a divulgação da guerra do Paraguai para um público leitor. **Dimensões**, vol.3, p.360-383. 2014.

ARAÚJO. Maria da Conceição Pinheiro. **Tramas Femininas na Imprensa do Século XIX**: Tessituras de Ignez Sabino e Délia. Tese de Doutorado em Letras. PUCRS. 2008.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura**: a imprensa periódica no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios).

\_\_\_\_\_. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

CAMILO, Vagner. Entre “o Romantismo tão gasto e o Realismo tão vasto: os tableaux de Joaquim Serra e o ecletismo. **Revista de Literatura Brasileira**. São Paulo, p. 384-420, 2013.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa Feminina e Feminista no Brasil**. Século XIX: dicionário Ilustrado. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina, mulher do seu tempo e do seu país. Prefácio. In: Reis, Maria Firmina dos. **Úrsula**: romance; A Escrava: conto. 6.ed. Belo Horizonte. Ed PUC Minas, 2017.

GALVES, Marcelo Cheche. **“Ao público sincero e imparcial”**: Imprensa e Independência do Maranhão (1821-1826). Tese de Doutorado em História. UFF. Niterói, Rio de Janeiro. 2010.

GASPARI, Leni Trentim. **Educação e Memória**: Imagens Femininas nas “Gêmeas do Iguaçu” nos anos 40 e 50. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2003.

GOMES, Gisele Ambrósio. **Entre o público e o privado: A construção do Feminino no Brasil do oitocentos, 1827-1846.** Dissertação de Mestrado em História. UFJF. Juiz de Fora, 2009.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no maranhão oitocentista. **Animus - revista interamericana de comunicação midiática.** UFSM v.18, 2010.

MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida.** São Luís: governo do Estado do Maranhão, 1975.

MOREL, Marco. Os Primeiros passos da palavra impressa. IN: MARTINS, Ana Luiza; DE TUCA, Tania Regina (Orgs.) **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. Anos 90. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, 2006.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. O jornal, o leitor e a leitura no Oitocentos brasileiro. Labirintos: **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos Portugueses,** n.8. Bahia: UEFS, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Revistas Estudos Feministas.** Abr. 2009, vol.17, no.1, p.159-189.

RODRIGUES, Dayanny. **Escritos de e para as mulheres no século XIX: o conceito de emancipação e a representação feminina no jornal das senhoras.** Revista Outras Fronteiras. Cuiabá-MT, vol. 4, n. 1, 2017.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha dos. Do folhetim à crônica: gêneros fronteirios entre o livro e o jornal. **Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 1** pp. 11 – 22. 2009.

SOHIET, Raquel. Violência simbólica. Saberes masculinos e representações femininas. In: **Revista Estudos Feministas.** Vol.5, Nº1, 1º semestre de 1997. Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS/UFRJ. p. 7-29.

TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: PRIORE, Mary del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). **História das mulheres no Brasil.** 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

VIEIRA, Martha Victor. História, literatura e circulação das ideias antiescravistas de Joaquim Manuel de Macedo. In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys Sabina; et al. **Cultura escrita e circulação de impressos no oitocentos.** 1ed. São Paulo, Alameda, 2016.

VITORINO, Eucilene Cherlys Pereira. Análise sobre estudos de Gênero e Movimentos Feministas. **III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista: Impressos no Brasil do século XIX.** UEMA. São Luís. 2013.